

BOLSA (/MERCADOS/BOLSA)

(/mercados/bolsa)

Quem é a cotada que sobe à primeira liga da bolsa?

A principal "montra" da praça portuguesa tem, a partir desta segunda-feira, uma nova constituição. A F. Ramada substitui a Novabase. Quase dez anos depois da estreia em bolsa, a empresa sobe à "primeira liga" do mercado nacional.



Raquel Godinho

|

rgodinho@negocios.pt (mailto:rgodinho@negocios.pt)

19 de março de 2018 às 06:15

A 8 de Julho de 2008, a Ramada

Investimentos começou a negociar na bolsa nacional. A 19 de Março de 2018 ascende ao PSI-20, o principal índice do mercado accionista português. A cotada do sector do aço e soluções de armazenagem chega à principal "montra" da bolsa com o terceiro melhor desempenho entre as cotadas nacionais, desde o início do ano, e a negociar perto de máximos históricos.

Quando esta segunda-feira os investidores olharem para a composição do PSI-20, verão a F. Ramada no lugar da Novabase. A nova composição do índice foi anunciada, no início do mês, pela Euronext e é agora concretizada. Mas quem é esta empresa que se estreia agora no índice português, quase dez anos depois de se estreiar na bolsa?

"É uma empresa quase centenária, com 80 anos, e com muita experiência na indústria do aço e soluções de engenharia de armazenagem. Tem também activos florestais", explica ao Negócios Paulo Rosa. E, segundo o "trader" sénior do Banco Carregosa, "está na vanguarda do sector do aço,

e o seu consumo tem aumentado nos últimos anos devido à recuperação económica e ao recrudescimento do sector imobiliário e construção civil". É "um grupo interessante, com exposição a áreas como soluções de armazenamento, indústrias de componentes automóveis e componentes de electrónica/electrodomésticos", acrescenta Albino Oliveira. O analista da Patris Investimentos destaca ainda como um dos principais pontos fortes da empresa o crescimento registado pelos resultados, ao longo dos últimos anos. Tem conseguido um aumento acima de 10% das suas receitas, nos últimos dois anos.

O mesmo especialista aponta também "o crescente peso das exportações, a situação financeira (com um nível baixo de endividamento, 0,3 vezes o EBITDA no final de 2017, após a forte redução observada no ano passado) e a política de remuneração aos accionistas, como é visível pelo dividendo (2,23 euros por acção referente ao exercício de 2017)".

Também a equipa de "research" do BiG aplaude "a bem-sucedida estratégia de redução de dívida que ocorreu em 2017" e as "margens sólidas, com 15,7% de margem de EBITDA em 2017". Além dos bons resultados, a empresa tem sido bem-sucedida em bolsa. "Subiu 1.200% em cinco anos, desde um euro em 2012 até aos 13 euros actuais", frisa Paulo Rosa. Aliás, a notícia da ascensão ao PSI-20 levou as acções a tocarem nos 13,90 euros, um máximo histórico. Só desde o início de 2018, sobe 24,4%, o terceiro melhor desempenho na bolsa portuguesa.

Mas a empresa liderada por João Borges de Oliveira tem também fontes fracas, sublinham os analistas. "A sensibilidade ao preço do aço" e o facto de ser "um grupo exposto ao ciclo económico e ao investimento por parte do sector empresarial. Ou seja, beneficia em contextos como o actual, mas será também sensível perante ambientes de abrandamento económico internacional", adianta Albino Oliveira. Já Paulo Rosa menciona "baixo 'free-float' (dispersão em bolsa) de cerca de 22%".